



Um olho no recorde, outro no preço

Seminário Internacional do Café em Santos reúne participantes otimistas, mas atentos à cotação da commodity

Luciene Miranda

‘Remuneração’ foi assunto recorrente no XXII Seminário Internacional do Café, realizado nos dias 9 e 10 de maio no Sofitel Jequitimar, em Guarujá. Seja nas conversas em stands, nas pa-

lestras ou entre uma plateia de 420 pessoas - das quais 80 estrangeiros de 23 países - que superou edições anteriores. O tema do encontro foi “Quebrando recordes” e fez menção às estimativas de

safras recorde de café no país, em 2018. Notícia animadora, mas que também preocupa. A expectativa de super safra, somada à alta do dólar no mundo, exerce pressão baixista sobre a cotação do café.



Vale Santos BRASIL.2018



Apesar do cenário de incertezas, a solenidade manteve o glamour desta tradicional cultura do país. Em meio ao charme dos stands, o Cecafé, Conselho dos Exportadores de Café, inovou e reproduziu um contêiner. A abertura solene foi feita por Roberto Santini, presidente da Associação Comercial de Santos, que agradeceu a dedicação de pessoas ligadas a este merca-

do e surpreendeu o público ao interagir com a repórter Tatiana Jorge, da TV Tribuna, afiliada Rede Globo, que fez uma entrada ao vivo com exibição nos telões do auditório. Também foram chamadas ao palco autoridades políticas da região – Adalberto Ferreira da Silva, Secretário de Finanças de Guarujá, e Sandoval Soares, Vice-Prefeito de Santos, além de representantes

do setor – Vicente do Vale e Moacir Soares, da Associação Comercial de Santos, Nelson Carvalhaes, Presidente do Conselho do Cecafé, e José Sette, Diretor Executivo da Organização Internacional do Café. O homenageado do seminário neste ano foi o empresário Jair Coser, com uma vida inteira dedicada ao mercado cafeeiro. *(Confira desta-que nesta edição).*



Lúcio de Araújo Dias – Superintendente, Cooxupé

Remuneração para uma cafeicultura sustentável

Superintendente da Cooxupé defendeu remuneração justa de toda a cadeia do café

A remuneração justa aos integrantes da cadeia do café foi a mensagem da palestra de Lúcio de Araújo Dias, Superintendente da Cooxupé, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé, Minas Gerais. Ele mostrou um estudo realizado com o presidente da cooperativa, Carlos Paulino. “Nos últimos 20 anos, 14 cooperativas

de café sumiram do mapa, quebraram. Mais de 40 empresas de comércio de café não existem mais”.

O alerta se estendeu às preocupações com a seca em 2018. Dias citou o pesquisador Pedro Silva Dias, da Universidade de São Paulo, que projetou problemas nas

Temos uma cafeicultura extremamente responsável, mas para sua sustentabilidade ao longo do tempo, ela precisa de remuneração

Américas do Sul e Central, com chuvas apenas no final de outubro. “Tivemos o terceiro abril mais seco dos últimos 100 anos”, afirmou Dias. Na cafeicultura, a precipitação em abril e maio é importante para a florada do café.

Dias falou sobre o elevado nível de preservação do meio ambiente, o cumprimento de rígidas legislações para o uso de defensivos e também para o trabalho, além do apoio de institutos de pesquisa. Ele ainda defendeu os recursos do Funcafé de R\$ 6 bilhões, destinados ao custeio, estocagem e suporte financeiro às empresas. Com esta estrutura, “o Brasil é capaz de produzir 35 milhões de sacas para o mercado mundial e 20 milhões de sacas para consumo interno”, afirmou. No entanto, a viabilidade deste mercado depende de preço. “Temos uma cafeicultura extremamente responsável, mas para sua sustentabilidade ao longo do tempo, ela precisa de remuneração”, concluiu

Participantes 'high tech' ajudam na formação do preço ou o distorcem?

Diretor executivo da Volcafé convidou à reflexão sobre regulação de fundos e negócios de alta frequência

A atual tecnologia nos negócios com o café foi apresentada por Trishul Mandana, Diretor Executivo da Volcafé, multinacional fundada em Londres, em 1783. Diante da polêmica sobre a formação de preços do produto, antes com base em questões relativas ao campo, como clima e safra, e agora sob forte influência das operações de alta frequência com algoritmos (robôs), a palestra deixou perguntas para o público refletir.

Com trechos de publicações especializadas, a exemplo de Bloomberg e Wall Street Journal, Mandana mostrou a dificuldade de se monitorar abusos neste mercado. “Fiscalizar práticas como especulação ou outras atividades está cada vez mais difícil com mais de 750 milhões de ordens de negócios

todos os dias (muito mais que o número real de negócios)”, dizia uma destas citações.

O café possui maior posicionamento no portfolio de fundos na comparação com tamanho de safra mas, em termos absolutos, a alocação de capital dos fundos para a commodity é pequena. Outros produtos agrícolas e, principalmente, as operações com câmbio (FX) dominam estas carteiras. Seus investimentos em automação e velocidade não param. Nos últimos 10 anos, os fundos quebraram recordes 23 vezes, 9 delas nos últimos 9 meses. “A falha na gestão de formação de preço resultará em mercados muito instáveis, à medida em que o mecanismo de preço distorcido prejudica todos os agentes da cadeia de valor do café”, alertou.

A falha na gestão de formação de preço resultará em mercados muito instáveis, à medida em que o mecanismo de preço distorcido prejudica todos os agentes da cadeia de valor do café



Trishul Mandana - Diretor Executivo, Volcafé/ ED&F MAN



Vivek Verma - Diretor Geral, Olam International

Desafios de mercado e de sustentabilidade

Vivek Verma, da Olam, apresenta cenário preocupante para negociação e cultivo do café

O tom de alerta das palestras anteriores foi reforçado por Vivek Verma, Diretor Geral da Olam International Ltd, fundada em 1989 do comércio agrícola entre Nigéria e Índia. Segundo ele, os integrantes da cadeia global do café têm muitos desafios, desde a produção mais sustentável vital para a cultura até as mudanças nas negociações da commodity.

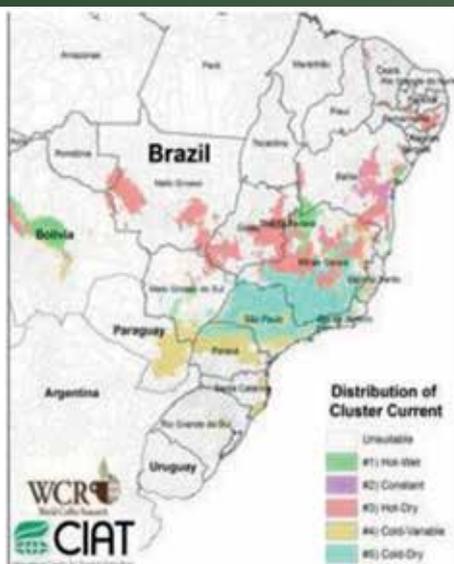
Verma apresentou a questão dos “Limites Planetários”, propostos em 2009 no Centro de Resiliência da Universidade de Estocolmo. Na ocasião, três

limites haviam sido ultrapassados. Em 2015, já eram quatro: mudança climática, integridade da biosfera, mudança no sistema de terras e fluxos bioquímicos (fósforo e nitrogênio). Neste contexto, o cafeicultor brasileiro tem motivos para se preocupar porque, de acordo com Verma, quase 50% das plantações de café não estarão adequadas em 2050 (Confira mapas comparativos).

A necessidade de melhoria genética do café também foi defendida por Verma para o enfrentamento da mudança cli-

mática e do aumento de pestes e doenças nas lavouras. “As variedades no Brasil ainda têm pouca diversidade genética”, afirmou.

A questão da pressão sobre os preços do café exercida pelos fundos de ‘hedge’ voltou com Verma, que destacou o aporte de cerca de US\$ 350 bilhões com corretoras, além do aumento de estratégias quantitativas e de algoritmos. “No curto prazo, a atual pressão sobre o café vem do extremo posicionamento dos fundos diante das expectativas de uma boa safra 18-19 no Brasil”, concluiu.





Zeina Latif - Economista Chefe, XP Investimentos

“Uma palestra dura”

Foi assim que economista-chefe da XP anunciou palestra sobre situação da Economia Brasileira

“Uma palestra dura”. Desta forma, Zeina Latif, Economista-chefe da XP Investimentos, anunciou sua palestra que fechou o primeiro dia do seminário. Para explicar o cenário macro-econômico do Brasil em quase uma hora, ela mostrou indicadores, criticou gestão pública e até chamou a atenção dos cafeicultores. “Não é mais para pedir subsídio e proteções, pessoal. Acabou. Não tem dinheiro. A agenda é outra”, advertiu.

Zeina afirma que enfrentamos a pior crise fiscal da história e a única saída são as

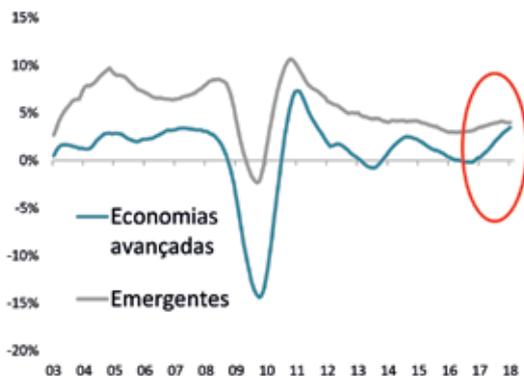
reformas ainda não votadas no governo Temer. “O ajuste fiscal necessário é de 4% do PIB (Produto Interno Bruto), no mínimo. E a espinha dorsal deste ajuste é a reforma da Previdência”.

Zeina Latif responsabiliza, principalmente, o governo Dilma Rousseff pela atual situação: “Esta crise é nossa. Made in Brazil. Fruto dos nossos erros”, critica. Além da reforma da Previdência, ela enfatiza a necessidade da reforma tributária, na sequência, como agenda fundamental para o próximo presidente. “A gente precisa ur-

gentemente acelerar a melhora do ambiente de negócios.”

Havia uma grande expectativa do público pelas projeções de Zeina Latif para o dólar. Ela mostrou um gráfico (em destaque) com a produção industrial de economias avançadas e de emergentes. “O que faz o dólar ter uma tremenda valorização é quando os EUA estão muito melhor que o resto do mundo. O fato da produção industrial das economias avançadas estar “encostando” nos emergentes pode promover uma estabilização do dólar”, concluiu.

Produção industrial
variação acumulada em 12 meses



Fonte: CPB, XP. Elaboração XP Investimentos

Esta crise é nossa.
É Made in Brazil

Um Programa para o Brasil

Ex-Ministro da Agricultura detalhou propostas que pretende apresentar a candidatos à presidência.

Entusiasmado, o ex-Ministro da Agricultura e Coordenador de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Rodrigues, deu entrevista exclusiva à Revista do Café, minutos antes de sua palestra, antecipando informações e dando detalhes de um programa de governo para 30 anos em que trabalha junto com uma equipe multidisciplinar da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo, em Piracicaba. O estudo será apresentado a coordenadores de campanhas nas eleições deste ano. “Não é um plano para a agricultura, muito menos para o agronegócio, é um plano de Estado que permite transformar o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar”, afirma.

Nesta proposta, a prioridade é a solução de questões macro-econômicas: reformas da previdência, tributária, política, além de modernização da legislação do crédito rural, seguro rural e gestão. O plano ainda traz propostas para o câmbio e política monetária. A área de comunicação também está no projeto, coordenada pelo jornalista Humberto Pe-

reira, que trabalhou no Globo Rural. Os trabalhos são patrocinados por entidades privadas do setor agro ao custo estimado em R\$ 350 mil, de acordo com Rodrigues. “Nenhum candidato pode ignorar o agronegócio brasileiro, seja pelo PIB, exportações, seja por razão de caráter político, econômico e social, o agro tem que ser considerado”, reitera

Não é um plano para a agricultura, muito menos para o agronegócio, é um plano de Estado que permite transformar o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar

Roberto Rodrigues
- Coordenador
Agronegócio, Fundação
Getúlio Vargas



CRÉDITOS FOTO: LUCIENE MIRANDA

Brasil campeão em preservação

Chefe geral da Embrapa apresenta dados que desmitificam preservação insuficiente no país

Dados incontestáveis obtidos pelo CAR, o Cadastro Ambiental Rural, foram apresentados por Evaristo Eduardo de Miranda, Chefe Geral da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, para mostrar que o Brasil é campeão de preservação no mundo. Na verdade, 30% do território são destinados à mata nativa, enquanto a média em outros países é de cerca de 10%. Em todo o país, o total de áreas destinadas à preservação ultrapassa 200 milhões, cerca de 49% das áreas dos imóveis (425 milhões de hectares). Contando áreas devolutas (militares, por exemplo) 66,3% das áreas são preservadas (563 milhões de hectares). “Em termos de área, isso equivale a toda a União Europeia e ainda cabe mais quase 4 Noruegas”, brinca.

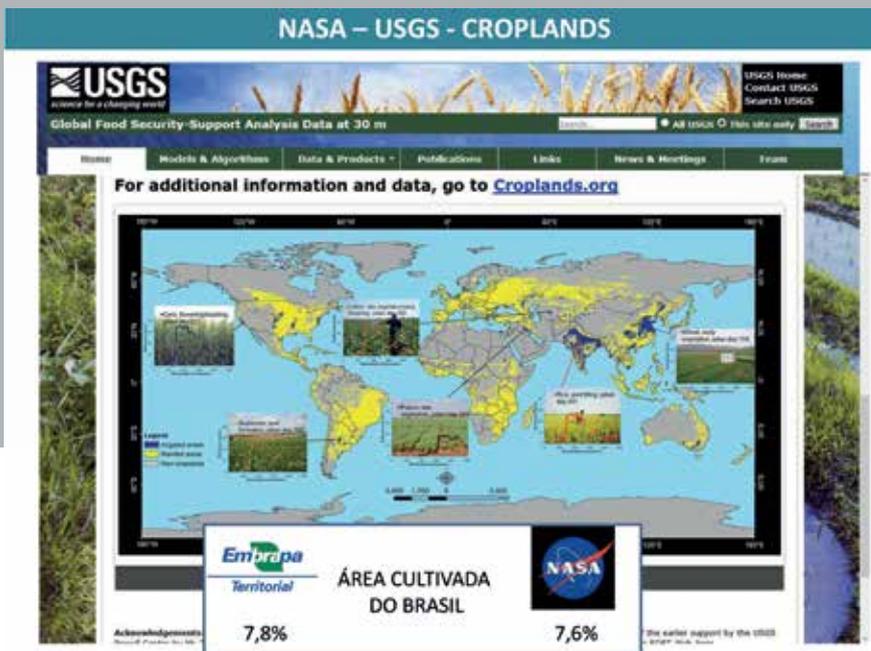
Este esforço de preservação ambiental dos últimos anos tem um custo. “O valor fundiário em prol do meio ambiente é de R\$ 3,5 trilhões que os agricultores colocam de seu patrimônio pessoal para o meio ambiente”, critica



Evaristo Eduardo de Miranda - Chefe Geral, Embrapa Territorial

Miranda. Ele ainda lembrou que sempre houve contestação quanto aos dados da Embrapa sobre a área cultivada no Brasil, apontada em 7,8%. Acreditava-se que era maior. No entanto, em Dezembro do ano passado, a NASA publicou um estudo mundial das áreas cultivadas que apontou 7,6%

do território nacional com áreas cultivadas. (Detalhes no mapa). Sobre a diferença de 0,2%, Miranda brincou novamente: “Consideraram toda a banana do Vale do Ribeira como floresta (risos), mas eles tinham um desafio muito maior que era mapear toda a agricultura do planeta”, pondera.



O Brasil preserva 66,3%. Nos EUA, o percentual cai para 19,9%

Sustentabilidade x Concentração de mercado

Em abordagem poética sobre o café, sócio do grupo Neumann fala sobre dualidade entre interesses de mercado e sustentabilidade

“Uma abordagem positiva e otimista”, foi a proposta de David Neumann – Sócio Administrador da Neumann Gruppe GmbH no início de sua palestra sobre os recordes do mercado de café. “Temos que pegar um minuto ou dois para descobrir e admitir que somos incrivelmente privilegiados em trabalhar com este produto maravilhoso”, declarou. O en-

tusiasmo não é à toa. Com 49 companhias e presença em 27 países, o grupo resultante de fusões e com origem em 1922, em Hamburgo, na Alemanha, possui uma fatia de 10% do mercado global.

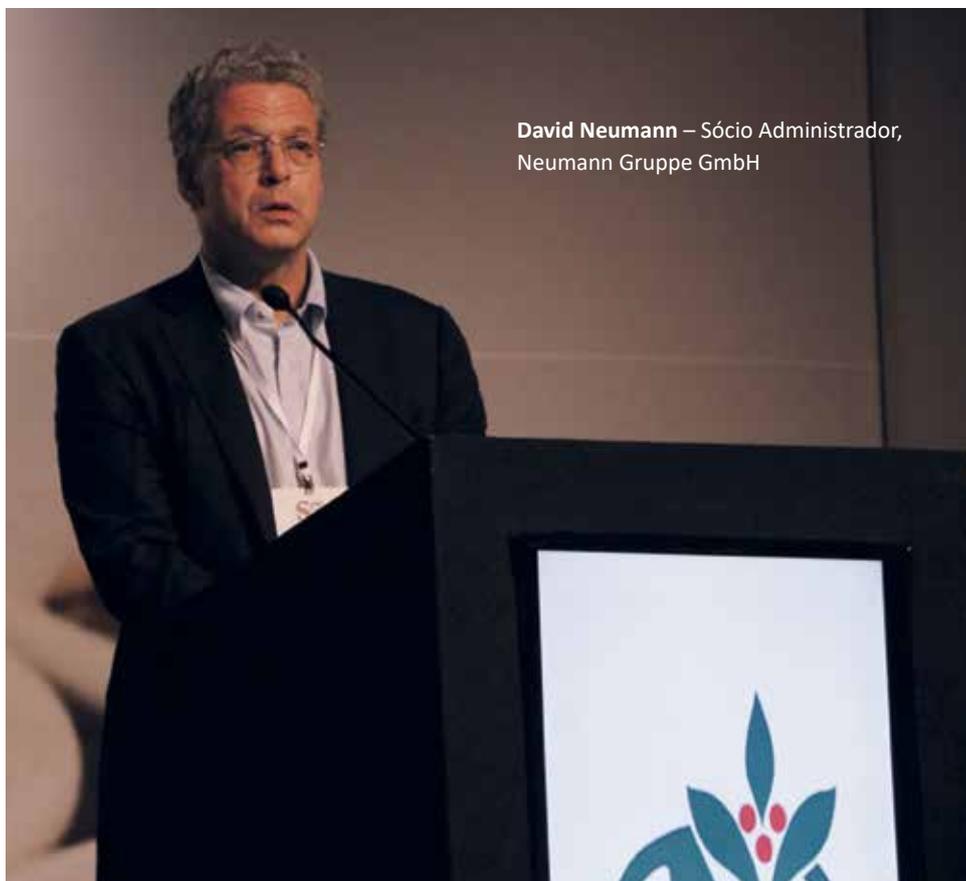
Além de celebrar a cultura do café, Neumann fez críticas à concentração do cultivo em detrimento dos pequenos fazen-

deiros. Hoje, os três principais produtores são Brasil, Vietnã e Colômbia com 60% da produção global, acima dos 44% de dez anos atrás, e com projeção de aumento em 15 anos para 65%. Neumann criticou esta concentração e a estagnação, ou mesmo, o desaparecimento da plantação em outros países “É uma perda social e cultural para o mundo”, lamentou.

Como o produtor pode ser remunerado e ser capaz de tornar seu trabalho economicamente mais sustentável no futuro?

Como o produtor pode ser remunerado?

A pergunta que persistiu no seminário não faltou nesta palestra. David Neumann disse que o aumento do consumo não acontece no mercado convencional e sim no segmento de cafés especiais e a preocupação é com a permanência do pequeno produtor neste setor. “Como o produtor pode ser remunerado e ser capaz de tornar seu trabalho economicamente mais sustentável no futuro? A proposta apresentada por ele é de dedicação da indústria de torrefação à cadeia do café inteira. Neumann disse que há excelentes exemplos de produções sustentáveis, mas ainda são poucos e distantes. “E os preços baixos contribuem para isso exercendo pressão de custos nas produções”, conclui.



David Neumann – Sócio Administrador,
Neumann Gruppe GmbH

O Brasil e o mundo bebem mais café

Diretor Executivo da OIC explica os números globais crescentes do mercado

Os fluxos do comércio do café foram o tema da palestra de encerramento do seminário com José Sette, Diretor Executivo da OIC, a Organização Internacional do Café. Desde 2012, o comércio internacional vem passando por grande mudança com o aumento das exportações pelo Brasil e fortalecimento de novos players, a exemplo de Vietnã e Indonésia. O destino principal é a União Europeia. “As economias da União Europeia estão cada vez mais integradas e países como Alemanha e Bélgica, muitas vezes, são apenas a porta de entrada a esse mercado, mas não o destino final onde o café é consumido”, explica.

Sette ainda mostrou o crescimento mais rápido da produção de café brasileira em comparação com outros mercados no mundo, principalmente, por vantagens de custos de produção. Para todas as comparações, ele usou dois períodos de referência, de 1992 a 1996 e de 2012 a 2016. Enquanto o aumento da produção aqui foi de 94%, o avanço no mundo foi de 47%.

Os dados da OIC trazidos por José Sette ainda mostram que o Brasil reduziu a produção de café robusta (de 19% a 12%) e ampliou a de Arábica (de 81% para 89%) na mesma comparação por período.



José Sette - Diretor Executivo, OIC

PRODUÇÃO DE CAFÉ CRESCEU MAIS DEPRESSA NO BRASIL

